



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

INVERNADA COMO PAISAGEM-TIPO VERNACULAR

INVERNADA AS A VERNACULAR LANDSCAPE-TYPE

(Recebido em 27-03-2018; Aceito em: 06-11-2018)

Bruno José Rodrigues Frank

Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina
bruno.j.frank@gmail.com

Humberto Tetsuya Yamaki

Doutor em Planejamento Ambiental pela Universidade de Osaka- Japão, Professor Associado e
Coordenador do Laboratório de Paisagem da Universidade Estadual de Londrina.
yamaki@ymail.com

Resumo

Invernada é uma área de pastagem utilizada para a parada de tropas de muares e gado, além de engorda no inverno. É considerada uma paisagem tradicional na América Latina. Caminhos e estradas interligavam os locais de criação de animais aos pontos de comércio. Os locais de invernada podem ser reconhecidos através do relevo, hidrografia e vegetação e da localização em antigos caminhos em distâncias regulares e uma posição estratégica. Além de paradas, servem para toda sorte de suporte para o prosseguimento da viagem. Podem evoluir para estabelecimentos de embriões de cidades. Existe um padrão reconhecível de paisagem de invernada. É uma paisagem-tipo porque resulta da articulação de componentes que favorecem a funcionalidade e a continuidade dos elementos constituintes da paisagem. Por ser recorte de uma paisagem comum, uma paisagem-tipo invernada pode passar comumente despercebida, e em alguns casos a toponímia ainda permite resgatar a antiga localização. O artigo visa estabelecer relações entre a idealização, transmissão e padrões gerais de sua configuração. Tem como proposta a identificação de componentes da paisagem na definição de uma "paisagem-tipo" invernada.

Palavras-chave: Invernadas; Paisagem-Tipo; Avaliação da Paisagem.

Abstract

An Invernada is a pasture area whose primary function is to recover animals during the winter and is considered a typically Latin American landscape. Tracks and roads connected them to the marketplace. Invernadas can be recognized by particular relief, hydrography and vegetation, alongside a strategic distancing and position, many of them can be recognized in older roads. They are often

located along historical routes used by tropeiros (former animal merchants). Serving as a stop, it offered all sorts of services for the onward journey. Therefore there is a recognizable landscape as a result of the components which favors the activity pattern of invernadas. As an everyday landscape, it commonly passes unnoticed. In some cases, the name invernada helps identify their old location patterns. This paper aims to identify the components of the landscape in a pasture setting. It is based on existing literature, looking for links between idealization, transmission of models and general pattern of implementation in this "landscape-type".

Key-Words: *Invernadas; Landscape-type; Landscape assessment.*

Introdução

De acordo com J.B Jackson (1997, 1987, 1970), o termo vernacular origina-se do latim Verna, que por sua vez, tem como referência os escravos nascidos na casa de seu dono. A partir do período clássico, passa a associar-se à idéia do lugar de nascimento, um vilarejo ou lugar que mantivesse relações a uma rotina de trabalho (ALANEN, 2000, p.113).

Nos boletins NRB (*National Register Bulletin*) da National Park Service dos Estados Unidos as paisagens históricas podem ser divididas em: Paisagem Vernacular, Paisagem etnográfica, Paisagens projetadas e lugares históricos (MCLELLAND *et al.*, 1999). Podemos definir, portanto, uma paisagem vernacular como uma categoria de paisagem, desenvolvida e voltada para as atividades do cotidiano e que, muitas vezes, necessita ser "traduzida" para que faça sentido. Meinig (1979, p. 6) afirma que devemos "considerar todas as paisagens como simbólicas, expressão de valores culturais, comportamentos sociais, e ações individuais sobre uma localidade específica durante um período de tempo". Ou ainda, uma "[...] paisagem é como um código onde é preciso decifrar seus significados, cultural e social, nas características comuns, mas reconhecíveis" (JACKSON, 1984, p.123).

Neste sentido, concordamos com a definição de Paisagem Cultural de Nascimento e Scifoni (2010) em que a "[...] paisagem cultural traz a marca das diferentes temporalidades da relação dos grupos sociais com a natureza, aparecendo, assim, como produto de uma construção que é social e histórica e que se dá a partir de um suporte material, a natureza" (NASCIMENTO e SCIFONI, 2010, p. 32, adaptado). Portanto, a Paisagem cultural é transformação da natureza em cultura, através de práticas e significados. E dentro de um grupo amplo de Paisagem Cultural, a Paisagem Vernacular seria uma de suas categorias.

As condições e componentes essenciais em uma paisagem vernacular são: tempo (no sentido de densidade histórica, estabilidade ou continuidade, reconhecimento, representatividade e tipo de atividades econômicas associadas (RILEY, 1987).

Associada ao cotidiano dos lugares, a paisagem vernacular tem recebido pouca atenção no mundo acadêmico. No entanto, no dia-a-dia, sua influência pode ser notada na Cultura dos pampas

gaúchos e outras partes do país. São várias as localidades no Brasil que recebem a denominação de invernada e invernadinha. Paisagens que apresentam um padrão na articulação de componentes naturais e culturais recebem a classificação de paisagem-tipo. Podemos comparar o processo de pesquisa de identificação de invernadas com um tipo de jogo de quebra cabeças, o “caça palavras”. É preciso certa habilidade no reconhecimento de disposição e articulação dos elementos.

Como estudo de caso e teste de hipóteses, utilizamos o caso das invernadas surgidas na década de 1920-1930, no atual município de Bandeirantes no Norte do Paraná. Tomamos como base as fontes bibliográficas e transcrições orais, a fim de obter um quadro evolutivo das invernadas na região.

O artigo se divide em três partes. Na primeira tratamos do papel das invernadas na formação territorial brasileira. A segunda analisa o surgimento de invernadas e sua consolidação geral. Na terceira parte estudamos como a formação de um povoado, ligado à atividade de invernada, na porção norte da bacia do rio das Cinzas no norte do Paraná.

As invernadas no Brasil¹

Ao discutir-se a construção da invernada como Paisagem-Tipo é indispensável que falemos de tropeiros e invernistas. Os campos de invernada são comuns por todo o país. Um resquício deles pode ser encontrado a partir de topônimos, tais como Arroio da Invernada (Alto Tibagi), Rio Invernadinha (Castro-PR) ou em propriedades rurais como Fazenda Invernada ou Invernadinha espalhados por todo o estado do Paraná (FILIPAK, 2002; ZAMARIANO, 2006).

Entende-se por Tropeirismo aquele período da história brasileira (Séc. XVII ao Séc. XX) em que o comércio de animais e de informações em diferentes porções do território eram realizados por grupos de mercadores conhecidos como tropeiros (FILIPAK, 2002). Invernistas eram aqueles indivíduos que, uma vez fixado em determinado local, oferecia os serviços dos pastos de invernadas para o repouso e engorda de animais, especialmente no inverno. Com o avanço tecnológico, a figura do tropeiro desapareceu gradualmente ao longo do século XX em decorrência da melhora nos transportes, especialmente o ferroviário e o rodoviário.

Em uma edição do Jornal “O Estado de São Paulo” em 1917, por exemplo, um anúncio de venda de lotes informa glebas de mata virgem, espigões altos para o plantio de café e baixos com abundância de água para invernada (Figura 01). A existência de boas aguadas para invernadas era tão importante quanto as terras altas eram para o plantio de café.

¹ Sobre invernadas ou estruturas similares em países latinos e em outros contextos semelhantes (*paddocks* em inglês, ou *hivernage* em francês) ver BAIED (1989).

Figura 01: Anúncio de venda de Terras ao longo da estrada de Ferro Noroeste publicado no Jornal O Estado de São Paulo. “Fundos (vales) com abundância de água para invernadas”.



Fonte: Soares (2003).

No primeiro quartil do século XX, muitas invernadas transformam-se de infraestrutura de repouso para ambientes de introdução de novas técnicas de manejo tanto de animais quanto de pastagem. Ao incorporar e promover avanços na agropecuária, novas gramíneas são introduzidas, visando aperfeiçoar a área restrita e a recuperação de pastagens. Resulta que, tais gramíneas, de alta produtividade foram sendo disseminadas pela região. Hoje encontramos gramíneas como *Kikuyu* trazidas da África e Ásia, mesmo em áreas urbanas.

Figura 02: Invernadas como paradas ao longo da Estrada Boiadeira que acompanha o rio Santo Anastácio/SP (1933).



Fonte: Detalhe do Croquis das Terras cedidas à Cia São Paulo Matto Grosso, APSP.

O Tropeirismo foi responsável pela formação de uma rede de pousos e invernadas ao longo das principais rotas de comércio. Invernadas evoluíram para atividades de suporte, ofertando estadia e aluguel de pastagens a tropeiros.

Com o tempo algumas invernadas se tornam células embrionárias de cidades. Passam a oferecer uma infraestrutura de apoio, como pousadas para viajantes, consertos de arreios, alimentação e descanso (AZEVEDO, 1970). Esta foi, por exemplo, a origem de muitas cidades nos Campos Gerais do Paraná.

A importância dos tropeiros e de seu modo de vida impactou diretamente no cotidiano e na estrutura de muitas cidades. Muitas, oriundas do ciclo tropeiro apresentam como característica uma rua de tropas mais larga, a rua direita. No entanto, a partir do século XIX começam a existir normas sanitárias controlando a travessia de animais pelas cidades, delegando-os para as áreas externas (GIORDANO, 2006). Falando sobre a tradição paulista do Tropeirismo no Século XIX, Aluísio de Almeida descreve:

A saída de várias cidades para a direção de São Paulo chama-se ainda na tradição persistente dos povos, Rua São Paulo, Rua das tropas e Rua do Gado, são geralmente mais largas e foram as principais. Porém é caso muito corriqueiro que, acabada a época das tropas, e acostumado o povo a outro tipo de civilização material, foram preferidas ruas de subúrbios para esse fim, houve mudança, por intervenção estranha. (ALMEIDA, 1971 p. 117).

Consolidou-se assim, um sistema estratégico de pousos e invernadas espalhados ao longo das principais rotas de comércio. Na longa marcha destes mercadores, seus animais levaram nos cascos, restos e dejetos as sementes de gramíneas que foram espalhadas ao longo de caminhos. A Paisagem-tipo invernada é estampada no decorrer da consolidação destas rotas.

Os Geógrafos Pierre Monbeig (1988) e Pierre Deffontaines (1964) ressaltaram em suas obras a importância das invernadas na formação territorial do Brasil. Apontam sua existência ao longo de toda a América Latina, desde os Andes até a Caatinga. Assim como Monbeig, Deffontaines entende invernada como uma atividade de criação intensiva com técnicas de manejo de gramíneas que são aprimoradas pela experiência de invernistas ao longo do tempo. No entanto, ele agrupa em uma só categoria, não separando atividades de invernada com atividades comuns de pastoreio.

Em razão de diferenças climáticas, na América andina e em partes da Argentina, existiam além das invernadas, as chamadas *veranadas*, para onde seguiam com os animais durante o período de verão. Estas tinham a finalidade de usufruir da pastagem, enquanto nas invernadas se recuperavam (BAIED, 1989).

Em suma, invernadas legaram profundas marcas na sociedade brasileira, servindo tanto como catalisadora de novas localidades, como definidora de eixos nas rotas. Seus propagadores e idealizadores constituíram um modo de vida próprio, seminômade (ALMEIDA, 1971). O desenvolvimento desta cultura particular se realiza na experimentação e adaptação às mais diferentes latitudes.

Método de inventário

Durante o processo de pesquisa recorremos a fontes variadas de informação que de alguma estivessem ligadas as invernadas, dentre elas: transcrição de tradições orais de tropeiros, poesias e descrições de viajantes a fim de recuperarmos as características visuais de uma paisagem-tipo invernada. É importante ressaltar que a varredura por informações que pudessem dar pistas sobre a origem e desenvolvimento da paisagem-tipo teve como marco inicial uma pesquisa a respeito do significado da palavra invernada.

Foi a partir deste procedimento, buscamos identificar quais componentes fazem parte da paisagem invernada. Por se tratar de uma Paisagem Vernacular e dos problemas acima descritos no que tange a sua catalogação, procuramos por aquilo que era típico ou rotina na bibliografia especializada, sobre a história regional e o tropeirismo.

Assim foi possível interpretar e analisar a localidade (Bandeirantes-PR), propondo uma série de hipóteses que seriam comparadas com situações semelhantes (no contexto geral de formação das invernadas). Assim, desenvolvemos um padrão geral que pode ser aplicado ao reconhecimento de invernadas e às propostas de análise para a respectiva gênese e desenvolvimento. O resultado destas análises é descrita na seção a seguir.

Processo de formação de uma invernada e um povoado no sertão do Rio das Cinzas PR

Em algum momento do primeiro quarto do Séc. XX, invernadas começam a surgir na bacia do ribeirão das Antas, um afluente do Rio das Cinzas no Paraná. A origem exata é desconhecida, mas com base em documentação e características gerais de ocupação, podemos estabelecer algumas hipóteses. O objetivo é compreender com base nos fatores naturais e culturais, quais foram os que formaram as condições ideais para a o surgimento e consolidação dos campos de invernada na região.

A penetração pelo sertão paranaense tinha como base o estabelecimento de paradas. Fazendas foram sendo abertas a partir de picadas e caminhos antigos (WACHOWICZ, 1987; SOARES, 2011). O levantamento elaborado pela firma Macdonald e Gibbs (1928-1932) na bacia do rio das Cinzas apresenta dois possíveis caminhos: uma frente vinda de Cambará a leste e outra de Jatahy através de Tomazina, o que torna possível estabelecermos algumas hipóteses.

É provável que os primeiros habitantes a ocuparem seus vales tenham vindo pelo sul, de Santo Antônio da Platina. Em 1880 já havia um caminho na altura do município de Ribeirão do Pinhal e em 1912 um caminho carroçável nas margens do rio *Laranginha* (grafia original). E embora em 1920 a grande maioria das propriedades já se encontrasse demarcada, estavam em nomes de herdeiros, poucos eram efetivamente ocupados. Para entender tais empreendimentos, devemos novamente voltar às condicionantes presentes na região. Ao desenvolvermos a hipótese de seu surgimento, levou-se em consideração:

- (1) Existência de rotas ou estradas de tropas na região;
- (2) A necessidade de descanso das tropas, de 25 a 30 km (no caso de gado ou eqüinos) e de 15 km (no caso de suínos), dá origem ou facilita o surgimento de “pousos” e invernadas. Portanto existiam distancias pré-determinadas. O distanciamento regular define uma estrutura geral de Paisagem em relação aos caminhos e o distanciamento de paradas;
- (3) Distância das demais localidades que serviriam de apoio imediato (Cambará p.ex.);
- (4) Relevo ideal e tipo de solo, não necessariamente fértil, para atividades de invernada;
- (5) Boa disponibilidade de água e ribeirões amistosos;
- (6) Posição de controle visual e reconhecimento por meio do relevo (colinas circundantes);
- (7) Locais com morros como barreiras contra ventos.

Figura 01: Hipótese inicial do surgimento do espalhamento dos campos de invernada e momentos subsequentes. Primeiramente: Caminhos e paradas. Num segundo momento: De algumas paradas surgem invernadas e a população começa a se fixar. Por último, a partir dos anos 1920, a onda de expansão da franja de ocupação atinge fortemente a bacia do Rio das Cinzas, surgimento de um povoado dentro da área de Campos de invernada.

1º momento



Caminhos e paradas

- 1-) Proximidade junto à divisores de água
- 2-) Margeando encostas
- 3-) Pastagem Natural serve ao reabastecimento dos animais
- 4-) Água não contaminada
- 5-) Colinas servem de limite e evitam que animais fujam

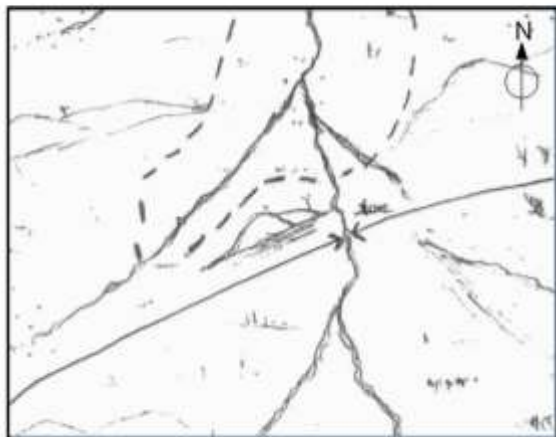
Fonte: Os autores (2018).

A necessidade de descanso para os animais gera uma procura por pontos ideais para o pousio, alimento e proteção contra ameaças. Estes pousos poderiam evoluir estrategicamente para invernadas.

Já em um segundo momento, os caminhos pioneiros tornaram-se oficiais ou semioficiais. Começam a aparecer pequenos sítiantes e invernistas. Nota-se que até 1920, grande parte "oficial" dos lotes já estavam devidamente delimitados.

Figura 02: Num segundo momento: De algumas paradas surgem campos de invernada e a população começa a se fixar. Por último, a partir dos anos 1920, a onda de expansão da franja de ocupação atinge fortemente a bacia do Rio das Cinzas, surgimento de um povoado dentro da área de Campos de invernada.

2º momento



Surgimento de invernadas

- 1-) Aumento da demanda por animais
- 2-) Aproximação da franja pioneira
- 3-) Expansão dos campos de invernada (inserção de gramíneas novas, especialização)
- 4-) Localidade atraí novos moradores, abertura de fazendas e demanda por serviços e comércio
- 5-) Aumenta utilização da estrada

Fonte: Os autores (2018).

Durante o período de enfraquecimento da atividade do Tropeirismo (a partir de 1930), já existia na região uma rede de invernadas, semelhantes às encontradas no restante da região sul-sudeste. Serviam de abastecimento para os sitiantes desta zona, que ainda utilizavam de muares como elemento de transporte, como sugere Ruy Wachowicz (1987):

Os fazendeiros, colonos e sitiantes, da região de Cambará, foram os últimos que se utilizaram, em grande escala, do muar como elemento de transporte em suas fazendas. Os tradicionais tropeiros que percorriam o caminho de Sorocaba-Viamão encontraram nesta região seu derradeiro mercado consumidor de muares. A década de 1930 foi um período de transição entre o muar e os meios modernos de transporte. O caminhão irá substituí-los (WACHOWICZ, 1987, p.140).

Figura 03: Por último, a partir dos anos 1920, a onda de expansão da franja de ocupação atinge fortemente a bacia do Rio das Cinzas, surgimento de um povoado dentro da área de Campos de invernada.

3º momento



Surgimento do Povoado de Invernada e Fazendas pela região (1920-1930)

- 1-) Maior frequência de utilização
- 2-) Toma-se porta do sertão
- 3-) Diminuição da área dos campos de invernada
- 4-) Novas fazendas, ranchos e colônias pela região
- 5-) Passa a abrigar um povoado (Villa Invernada é projetada)
- 6-) Povoado define uma posição de grande importância na rede de estradas
- 7-) Povoado como local de abastecimento e de troca de mercadorias

Fonte: Os autores (2018).

No caso do Povoado de Invernada em Bandeirantes, foi encontrada uma planta denominada Villa Invernada (1926), projeto de Eduardo Saporski que incluíam quadras, uma avenida larga e uma estação. O local, assim como os limites da antiga planta permaneceram como parte integrante de caminhos e limites de propriedades, o que indica que parte da planta fora executada (YAMAKI e FRANK, 2018).

Com o aumento na demanda por gado nas frentes pioneiras a partir dos anos 1940, a atividade passa a alimentar os novos núcleos do norte do Paraná, como Londrina. Por exemplo, Pierre Monbeig (1988) retrata esse processo:

Para alimentar Londrina, nasceu uma corrente de tráfego entre a Alta Sorocabana e o norte do Paraná, atravessando o rio Paranapanema perto da confluência do Tibagi. Outra corrente parece que se esboça entre Mato Grosso, Paranavaí e Londrina, em cujos arredores veem-se invernadas em formação. Essas longas viagens entre as regiões novas se destinam somente a fornecer carne necessária aos habitantes das cidades e, por vezes, as chegadas são muito abundantes para as invernadas de uma região, sendo preciso distribuir os animais nas pastagens vazias das outras zonas. A circulação do gado é, portanto intensa através dos planaltos ocidentais. (MONBEIG, 1988, p.75)

A passagem acima demonstra a importância dos criatórios no abastecimento das cidades novas no norte do Paraná, em expansão. Outro fator digno de nota é a sobrevida da atividade de circulação de animais, ainda na década de 1950.

Permanências e componentes em uma “paisagem- tipo” invernada.

Entende-se como paisagem-tipo aquela que mantém características que se repetem por uma determinada região. Uma invernada como paisagem-tipo é uma porção de terra, plana, localizada ao

longo de antigas rotas de tropas. Essa porção de terra, não necessariamente fértil, deveria ter água boa em abundância e ser cercada de morros, evitando os ventos e a dispersão de animais.

No caso de campos de pastagem aberta, associados aos pousos (presentes em muitos mapas antigos), o uso livre da área de pastagem não era condicionado a nenhum dono. Com o tempo, muitas áreas foram apropriadas, legalmente ou não, servindo à função de invernadas. O dono da invernada cobraria um determinado valor pelo uso dos pastos e cuidado com os animais.

Como traço comum, as paisagens vernaculares possuem vínculos estreitos com sua função. Esta é a chave para o entendimento de paisagens agropastoris. Podemos entender que, a paisagem-tipo possui um caráter resultante da combinação de seus componentes, atributos e estrutura com a profundidade do tempo, legibilidade e aspectos culturais em uma determinada paisagem (YAMAKI, 2013). Basicamente, quando utilizamos a expressão Caráter de Paisagem queremos expressar um padrão reconhecível de componentes distintos em uma determinada paisagem e que as diferenciam de outras. De acordo com Swanwick (2002), Caráter de Paisagem é:

[...] uma série de combinações particulares de relevo, solos, vegetação, geologia, uso de solo, padrões de ocupação e colonização criam um caráter. O caráter torna cada parcela da Paisagem em algo distinto, garantindo um senso particular de lugar. A forma como valorizamos certas paisagens por sua distinção ou por outros motivos é uma questão separada (SWANWICK, 2002, p.9, tradução própria, adaptado).

Há nesta paisagem-tipo, um conjunto de formas e posições muito específica, sendo sua composição um reflexo de sua utilidade. Nos dizeres de Gomes, toda “composição é sempre passível de análise do ponto de vista geográfico” (GOMES, 2013 p. 17). Invernadas possuem como característica comum, certa “ordem”.

Figura 04: Aspecto geral de uma invernada-fazenda. Nesta modulação, moradia e cocheira ao longo de um caminho, grande área de pastagem e limite visual imposto pela topografia e pelas cercas. Estrada de Santa Amélia- Bandeirantes-PR. Março de 2014.



Fonte: Os autores (2014).

Em termos de relevo, há claramente um espaço conformado entre os topos das cumeadas e as bases de morros. É um aspecto de apropriação funcional do relevo, define limites e área de influência para pastagem, assim como segurança para os animais. A presença de ribeirões com boa aguada era uma condicionante imprescindível.

Figura 05: Aspecto geral de uma invernada-fazenda em Bandeirantes-PR, nas proximidades da BR-369. Vale com águas próximas a sede da fazenda, cocheira e anexos.



Fonte: Os autores (2012).

Existe uma clara diferença entre pasto e uma mata mais densa. Algumas invernadas dispõem de mosaico de gramíneas, cuja função é extrair a máxima eficiência da pastagem em relação à recuperação e ganho de peso dos animais (MONBEIG, 1988). Fazem parte, também, componentes menores como cercas, bebedouros, cocheiras além de moradias.

Considerações finais

Fazendas, colônias de imigrantes, empreendimentos de Companhias de Colonização e, por sua vez, as invernadas constituem elementos constituintes da paisagem do Norte do Paraná, assim como fizeram em várias partes do território.

A invernada como Paisagem-Tipo é resultante de articulação de componentes conformadores que possuem forte resiliência. Assim, através da toponímia ou ainda, de história oral, é possível identificar e resgatar os limites de antigas invernadas. Estes saberes tradicionais para a escolha de

sítios favoráveis a determinadas atividades, que podem ser úteis para o reconhecimento de outras paisagens à espera de identificação.

Referências

- ALANEN, Arnold. Considering the Ordinary: *Vernacular Landscapes in Small Towns and Rural Areas* in: ALANEN, Arnold; MELNICK, Robert (Org.). *Preserving Cultural Landscapes in America*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2000. P.112-142.
- ALMEIDA, Aluísio de. *Vida e morte do Tropeiro*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1971.
- AZEVEDO, Aroldo de. *O habitat*. In: AZEVEDO, Aroldo de. *A Terra e o Homem: A vida Humana*. Volume. 2. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1970.
- BAIED, Carlos A.. *Transhumance and land use in the northern Patagonian Andes*. Mountain Research And Development, Bern, v. 4, n. 9, p.365-380, jan. 1989.
- DEFFONTAINES, Pierre. *Contribution à la Géographie Pastorale de L' Amérique Latine*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1964.
- FILIPAK, Francisco. *Dicionário Sociolinguístico Paranaense*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.
- FRANK, Bruno; YAMAKI, Humberto. *De invernada de tropas à Villa Invernada no Norte do Paraná- Paisagem e Morfologia*. In: Anais do V Colóquio Iberoamericano de Paisagem Cultural. Belo Horizonte: IEDS, 2018, p.1-12.
- GIORDANO, C. *Ações Sanitárias na Imperial cidade de São Paulo: Mercados e matadouros*. Campinas: Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo: PUC-Campinas, 2006.
- GOMES, Paulo César da Costa. *O Lugar do Olhar: Elementos para uma geografia da visibilidade*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2013.
- JACKSON, J. B. *Landscapes*. Massachussets : University of Massachussets , 1970.
- _____. *Landscape in sight: Looking at America*. Nova York: Yale University Press, 1997.
- _____. *Discovering the Vernacular Landscape*. New Haven: Yale University Press, 1984.
- MCLLELAND, L. et al. *Guidelines for Evaluating and Documenting Rural Historic Landscapes*. Washington: National Park Service, 1999 [1989]. Disponível em (<https://www.nps.gov/nr/publications/bulletins/nrb30/>) data de acesso: 08 de outubro de 2017.
- MEINIG, D. W. *The Interpretation of Ordinary Landscapes: Geographical Essays*. Oxford: Oxford University Press, 1979.
- MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.
- RILEY, R. *Vernacular Landscapes*. In: ZUBE, E.; MOORE, G. *Advances in Environment behavior and design*. Dordrecht: Kluwer Group, v. I, 1987. p. 129-158.
- NASCIMENTO, Flávia B.; SCIFONI, Simone. *A paisagem cultural como novo paradigma para a proteção do patrimônio cultural: a experiência do Vale do Ribeira-SP*. Revista CPC, São Paulo, n. 10, p. 29-48, maio/out 2010.
- SOARES, F. S. *Um pioneiro nos sertões do Tibagi*. Salto: Schoba, 2011.
- SOARES, F.J. *Roberto Clark: Meu avô*. São Paulo: F.J.C.X, 2003.
- SWANWICK, Carys. *Landscape Character Assessment: Guidance for England and Scotland*. The Countryside Agency: Cheltenham, 2002.
- WACHOWICZ, R.; *Norte Velho, Norte Pioneiro*, Curitiba: Gráfica Vicentina, 1987.
- YAMAKI, Humberto. *Paisagem Etnográfica Paranaense - Metodologia de Análise de Colônias e Fazendas de Imigrantes Japoneses no Norte do Paraná na década de 20-30*. In: 3º. Seminário Ibero Americano - Arquitetura e Documentação, 2013, Belo Horizonte. Anais do 3º Seminário Ibero Americano - Arquitetura e Documentação. Belo Horizonte: UFMG, 2013. v. 1. p. 1-12.

ZAMARIANO, Márcia. *Toponímia paranaense do período histórico de 1648 a 1853*. Dissertação de Mestrado em Estudos de Linguagem pelo programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Londrina: 2006.

(Recebido em 27-03-2018; Aceito em: 06-11-2018)